

O ENSINO DO INGLÊS OBJECTIVANDO A COMUNICAÇÃO: UM DESAFIO PARA AS ZONAS RURAIS (MOÇAMBIQUE)

English teaching aiming at communication: a challenge for rural areas (Mozambique)

HOGUANE, Filpe Augusto¹

Resumo

A aprendizagem de línguas visa desenvolver habilidades sociais e comunicativas, de maneira a que as pessoas possam exprimir os seus sentimentos e pensamentos usando a linguagem; a oralidade é a dimensão mais frequente na comunicação no contexto rural. As pessoas podem aprender a língua em casa, na comunidade, assim como na escola. O uso da Língua Inglesa numa perspectiva comunicativa exige estratégias inovadoras, contextualização e motivação permanente por parte dos intervenientes. Despertando a auto-confiança e a motivação, promovendo um ensino contextualizado, podemos estar próximos de atingir os objectivos educacionais que se resumem no uso da língua para a comunicação. Na perspectiva em análise, o desafio é de ensinar a Língua Inglesa nas zonas rurais. Moçambique é um país multilíngue sendo o Português a língua oficial. Tendo em conta os contextos político e o social, o nacional e o internacional, o país vê-se na necessidade de ensinar o Inglês numa abordagem comunicativa.

Abstract

Language learning aims to develop social and communication skills, so that people can express their feelings and thoughts using the language; oral language is the common dimension in communication in the rural context. People can learn the language at home, in the community, as well as at school. The use of language in the perspective of communication requires the use of innovative strategies, contextualization and permanent motivation on the part of those involved. Awakening self-confidence, motivation and contextualized education we may be close to achieve the educational objectives of language teaching. In this perspective, the challenge is to teach English Language in rural areas. Mozambique is a multilingual country being the Portuguese the official language. Taking into account the political, economic and social contexts, national and international levels, the country sees the need to teach English in a communicative approach.

Palavras-chave: *Motivação; Abordagem comunicativa; Língua segunda.*

Key-words: *Motivation; Communicative approach; Second language.*

Data de submissão: março de 2020 | **Data de publicação:** junho de 2020.

¹ FILIPE AUGUSTO HOGUANE - Escola Secundária de Cambine | UMUM, MOÇAMBIQUE.
E-mail: fhoguane@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O ensino de língua é sempre desafiante em qualquer circunstância. Há incerteza se as estratégias escolhidas na abordagem comunicativa podem surtir efeitos desejados ou não, para além da própria resistência por parte do aluno em aprender novas coisas; o aprendente teme que os colegas possam rir quando a pronúncia de certas palavras estiver errada. A aprendizagem da Língua Inglesa nas escolas moçambicanas tem como objectivo primordial a comunicação de modo a permitir a inserção social, contactos diplomáticos e vida económica. Através da língua, comunicamos verbalmente os nossos anseios, desejos, sentimentos, pensamentos, pontos de vista, entre outros. Sendo o Inglês considerada uma língua segunda (L2), a sua aprendizagem é diferente da aprendizagem da língua primeira (L1), isto porque enquanto a L1 decorre informalmente em casa e/ou na comunidade, a da L2 é, geralmente, exclusiva da educação formal, embora possa ser aprendida também em contexto informal.

O ensino do Inglês, no contexto moçambicano, tem como objectivo a comunicação permitindo a inserção social num mundo globalizado. Esta oferta do Sistema Educativo não visa apagar as línguas nativas nem a língua oficial, mas aparece como um imperativo nacional e sócio-económico. No entanto, para que a aprendizagem seja efectiva, há necessidade de se trabalhar na componente motivacional dos intervenientes (professores e alunos), adopção de estratégias inovadoras de ensino, optando por uma contextualização que tire proveito da cultura e das vivências dos alunos, já que este estudo procura contributos para o ensino do Inglês nas zonas rurais, num contexto de educação formal – a Escola Secundária de Cambine.

O objectivo do estudo é descobrir como o uso de materiais localmente disponíveis, as estratégias contextualizadas e a motivação contribuem para o ensino da Língua Inglesa. Quanto às estratégias e metodologias de ensino, reconhecemos que os professores, no processo de ensino-aprendizagem, são desafiados a dar atenção às especificidades dos alunos e dos contextos, para que os alunos possam ter oportunidade de aprendizagens diferenciadas conforme o seu perfil, com actividades que criem motivação, que despertem atitudes positivas. Cabe aos professores, também reforçar essas atitudes, recorrer a materiais didácticos orientados para o desenvolvimento da aptidão linguística. Acreditamos que, com este empenho por parte dos professores e com o uso de métodos contextualizados, até ao fim da 12ª classe (última classe do ensino secundário geral), o aluno possa vir a expressar-se em Inglês sem, contudo, abandonar as suas práticas sociais e culturais. Para tal, apresentamos uma breve análise dos programas de ensino, as planificações, o trabalho com os alunos, e a avaliação e tratamento dos resultados.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os programas de ensino, centralmente definidos pelo Governo de Moçambique e que norteiam o ensino da Língua Inglesa nas escolas rurais, é o mesmo usado nas escolas urbanas. Segundo Pacheco (2011, p.4), “as políticas curriculares resultam de complexas decisões que derivam tanto do poder político oficialmente instituído, quanto dos actores com capacidade para intervir, directa ou indirectamente, nos campos de poder em que estão inseridos”. Segundo preconiza o programa de ensino de Inglês, “a comunicação constitui uma das competências consideradas chave num mundo globalizado. No currículo do Ensino Secundário Geral, são usados a língua oficial (Português), Línguas Moçambicanas, Línguas Estrangeiras (Inglês e Francês)” (INDE/MINED, 2010, p.9). Mais ainda o programa que citamos defende que:

At this stage the learners are expected to be able to handle the complex structures of the language with a bit of confidence, demonstrate knowledge of a range of vocabulary and use appropriate communicative strategies in a number of social situations. They should be able to produce written texts of some types, showing a certain ability to develop an argument as well as to describe or recount events. The learner should have developed awareness of register and the conventions of politeness and degrees of formality as they express through language (INDE/MINED 2010, p .15).

O extracto acima mostra a preocupação pela competência comunicativa. Na óptica de Brighenti, Biavatti & Souza (2015), os métodos de ensino têm como finalidade tornar efectivo o processo de ensino e aprendizagem, podendo ser de forma individual ou em grupos. Aliás, o documento que temos vindo a citar defende:

To allow teachers flexibility, the teaching methods, procedures and techniques will be selected according to the specific goals, conditions and resources available to the teacher and students. Considering that our classrooms are heterogeneous, it is also accepted that the same lesson can be taught using different procedures and techniques by different teachers (INDE/MINED, 2010, p. 50).

A flexibilidade e a abertura à criatividade estratégica, que o documento sugere, tem em conta as diferenças contextuais das escolas. Pensamos ser ocasião para que as nossas planificações tragam inovações, objectivando o desenvolvimento da competência comunicativa. Comumente, a planificação é assumida como uma tarefa que consiste na previsão das actividades, dos métodos e meios a serem usados para a efectivação de determinada actividade. É no processo da planificação que se toma em conta a subjectividade dos alunos, os materiais de ensino, as estratégias e o contexto. Para Santos (2011, p.5), a planificação

(...) é um processo através do qual se busca construir o máximo de objectivos com uma economia de esforços e meios, dominar o tempo, antecipar o que se pode passar no futuro, equacionar práticas que possam agir sobre a realidade que se quer modificar, para que haja uma aproximação, tanto quanto possível, dos objectivos traçados.

Na mesma linha de pensamento, Ferreira (2014, p.14) afirma que “a planificação pode ser entendida como a vertente que organiza o processo ensino-aprendizagem, convertendo as ideias e propósitos do professor num curso de acção.” Tendo em vista um ensino concentrado no desenvolvimento intelectual e integral do indivíduo, concordamos que a planificação precisa ser dinâmica e não um mero instrumento rígido de cópia de temas apresentados pelo programa de ensino centralmente concebido. Capucha (2008) é aqui trazido por Ferreira (2014), para defender que a planificação tem como objectivo conduzir à mudança, de modo a contribuir para o sucesso do ensino e aprendizagem. Nas abordagens que temos vindo a fazer sobre o conceito planificação, podemos reter a ideia de que se trata de um processo de previsão de como o ensino possa ser conduzido com eficácia, e o seu sucesso depende em certa medida do nível motivacional dos intervenientes. Para este estudo, buscamos Bock (2008) trazido por Farias (2011), segundo o qual, a motivação pode ser entendida como uma força interna propulsora que leva o indivíduo a praticar uma acção. Complementarmente, Farias (2011, p. 61) afirma que a motivação

(...) é uma força que faz uma pessoa agir de acordo com suas carências, determinando, assim, sua conduta para a realização de suas metas, sua persistência, envolvimento e disposição nas práticas das acções em qualquer âmbito. Essa força oscila dependendo da importância dada ao que se quer obter e à verificação de que se é realmente uma necessidade.

Entendemos, no entanto, que a motivação podendo ser uma força externa, ela impulsiona o interior do aluno rumo a aprendizagem. Para tal é necessário que haja partilha de acções entre o professor e o aluno de maneira a que o trabalho seja assumido em equipe. A sala de aulas é um espaço de colaboração entre o aluno e o professor. Cada sucesso ou aprendizagem que o aluno regista constitui factor motivador para o professor. Para sustentar a colaboração de que estamos a falar, convocamos Silva (2013, p.37):

O processo de ensino ocorre numa troca entre sujeito-sujeito ou sujeito-objecto, de forma dinâmica, ou seja, faz-se necessária uma acção conjunta e dialógica com o conteúdo aprendido, sendo considerado ainda o contexto histórico-económico e social. Nesse processo todos os envolvidos aprendem e ensinam. Ensina-se além do conteúdo estruturado, pois ensina-se os hábitos e costumes do grupo, valores pessoais, económicos, religiosos, de forma harmónica e natural ou por meio de ruptura dos padrões estabelecidos ao longo da vida.

O extracto deixa clara a necessidade de um processo de ensino e aprendizagem dinâmico e flexível, no qual possa ocorrer o aprimoramento e a inter-relação entre estudantes, mas também entre os estudantes e o professor como actores sociais e culturais. Assim, há que verificarmos o cumprimento dos objectivos traçados nos programas e planos de ensino. A avaliação faz parte do processo educativo; assim, não há razão para ser considerado um capítulo fora do ensino. De acordo com (INDE/MINED, 2010, p.50)

Assessment can be defined as the formal or informal process of collecting evidence about students' progress, analyzing and evaluating progress, communicating about progress, and adjusting teaching practice based on reflection on a teacher's practice. There are various forms of assessment, including formal measurement tools such as tests. Informal assessment can occur throughout the school year, and includes evaluating data from multiple sources, such as exercises, portfolios, homework or assignments that enable you to measure student progress.

Para que a aprendizagem seja significativa, a avaliação precisa ser importante ao processo tendo em conta os elementos do processo educativo. Uma avaliação adequada é aquela que é participada pelos alunos, docentes e a comunidade onde a escola está inserida. A avaliação, no entanto, serve como um 'termómetro' que verifica a funcionalidade de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Entendemos que o ensino de línguas não se resume unicamente à tarefa de dar aulas e que a avaliação deve ser parte do processo de ensino-aprendizagem, não devendo, portanto, ser tratada como parte desassociada deste, como se lidássemos com dois processos distintos, em especial nos dias atuais, já que nas salas de aula das escolas se tornou um comportamento recorrente dos aprendizes fazer algumas atividades somente mediante a garantia de que irão obter pontos para a sua média (Paiva, 2016, p.23).

Nas diversas formas de avaliação, concordamos com a formativa, a que Paiva chamam de avaliação ao longo do processo de ensino. Na mesma linha de pensamento,

The New Curriculum emphasizes formative assessment, which gives scope for the inclusion of informal assessment also known as classroom assessment. The inclusion of classroom assessment is also in line with the general teaching philosophy of the constructivist approach to learning (INDE/MINED, 2010, p.51)

Portanto, o processo de ensino e aprendizagem é um ciclo que comporta programas, planos, aula e motivação, todos estes elementos visando o bem comum da sociedade. Corroboramos os teóricos que temos vindo a citar sobretudo, recomendando um ensino colaborativo em que a motivação, a auto-confiança, a criatividade e a contextualização guiem o processo de ensino da Língua Inglesa.

METODOLOGIA DE TRABALHO

Geralmente, entende-se metodologia como um caminho ou via para a realização de algo. Reconhecemos que não é tarefa fácil e provavelmente não é prático fazer um estudo baseado num único método de pesquisa. Marx e Engels (2001) insistem que na pesquisa ou investigação partimos do concreto para o ideal, evitando especulações. A produção das ideias está relacionada com a actividade prática do ser humano pois é ele que produz as suas próprias ideias. Reconhecendo a utilidade e a pertinência do pensamento de Marx e Engels, propomos uma pesquisa qualitativa. Assim, vamos apresentar os resultados e argumentos na forma textual, recorrendo à descrição e à explicação procurando a compreensão. Para tal, recorreremos a algumas técnicas de investigar e recolher dados, nomeadamente:

- **Revisão bibliográfica** – baseada em material ou obras de teóricos já publicados que consideramos relevantes para a análise da problemática em estudo, para melhor enquadrar o nosso trabalho, centramo-nos em obras que versem sobre o ensino de uma L2, de uma Língua Estrangeira, entre outras componentes linguísticas;
- **Questionário** – através do qual colocamos questões escritas aos alunos do ensino secundário das zonas rurais, optando por um questionário misto com perguntas abertas e fechadas;
- **Observação participante** – prevemos realizar esta técnica por meio de jogos e *role plays* em que os alunos possam usar livremente o Inglês para daí descobrirmos as potencialidades pré-existentes em termos da comunicação que forem mantendo.

Finda a recolha de dados, segue-se a sua interpretação de modo a nos aproximar das conclusões do estudo, isto é, evidenciar os resultados a que é possível chegar, valorizá-los ou não, na procura do caminho a seguir para conseguirmos dar resposta ao desafio, isto é, encontrar soluções para conseguir um ensino do Inglês sustentado na abordagem comunicativa.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O trabalho de campo envolve 80 alunos e 6 professores que leccionam o Inglês na Escola Secundária de Cambine, Distrito de Morrumbene, Província de Inhambane (8^a a 12^a classes). Os dados estatísticos dos últimos cinco anos (2015-2019) mostram que em média a escola possui um universo de 1800 alunos, destes mais de 75% provenientes dos arredores da escola (zonas rurais). O número de professores da escola é de 68, sendo que 6 leccionam a Língua Inglesa. A escola situa-se num distrito em que a L1 predominante é o Citshwa (língua bantu).

Os documentos disponíveis (mapas de levantamento estatístico anual), na escola, mostram que o rácio professor-aluno é de aproximadamente 1 para 48. Cerca de 80% destes alunos têm o Português como L2 e agora lhes é colocado o desafio de aprendizagem do Inglês. Gostaríamos de sublinhar, no entanto, que a Língua Citshwa, como muitas outras línguas moçambicanas, possui empréstimos do Inglês, fruto do movimento migratório dos moçambicanos, para a República da África do Sul, na procura de emprego. Assim, pensamos que os vocábulos ingleses presentes no Citshwa, quando bem trabalhados, podem servir de motivação para a aprendizagem do Inglês.

Quanto ao questionário, os inquiridos, questionados sobre a relevância dos conteúdos propostos pelos programas de ensino, 75 alunos (94%) mostram o desconhecimento do programa, visto que é um documento ao qual somente os professores têm acesso. Porém, os outros 5 alunos (6%) afirmam categoricamente que os programas são irrelevantes para o contexto rural. Pensamos que estas respostas resultam do facto de os professores se limitarem a transcrever as propostas dos programas sem olharem o contexto da escola.

Quanto às estratégias de ensino utilizadas pelos professores durante as aulas de Inglês, 35 alunos das classes iniciais do ensino secundário (8^a e 9^a classes) consideram-nas como sendo ideais pois os professores não só ensinam a gramática como também privilegiam o uso de textos, canções, entre outras formas. Na mesma questão, os 45 alunos das últimas classes do ensino secundário (11^a e 12^a classes) reagem negativamente às estratégias trazidas pelos professores, alegando que os professores recorrem mais a meios tecnológicos, como computadores e projectores, sendo estes meios escassos no contexto do aluno, criando reacção em certos casos. Notamos aqui que os professores não aceitam dissociar-se do tipo de ensino tido, na sua formação nas Universidades, onde o computador e o retroprojector são normalmente usados nas aulas. Corroboramos Silva

(2013), segundo o qual, o processo de ensino ocorre numa cooperação entre os intervenientes.

Questionamos os alunos como se sentiriam se os professores usassem os vocábulos ingleses presentes no Citswha como estratégia motivadora para o ensino do Inglês. Por unanimidade, os alunos consideram a estratégia como uma inovação a se ter em conta, visto que reconhecem que é uma forma de valorizar a sua cultura. É preciso deixar claro que os vocábulos ingleses presentes na Língua Citswha servem apenas de motivação. O ensino em si da Língua Inglesa segue a sua didáctica, sem nos esquecermos do contexto social em que decorre e o conseqüente uso de estratégias adequadas à situação e aos alunos.

No tocante ao contributo da comunidade local para o sucesso do ensino de Inglês, quisemos saber dos alunos a sua relevância. Os 65 alunos (81%), que respondem ao questionário, pensam desnecessário o contributo da comunidade alegadamente porque as suas comunidades são analfabetas. A outra parte dos respondentes (15 = 19%) entendem que o envolvimento da comunidade no processo de ensino é relevante em qualquer dos casos. Na nossa óptica, os alunos, que consideram irrelevante a participação da comunidade no ensino, supõem que este envolvimento seja no sentido de uma participação directa na sala de aulas. Entendemos, pois, que há necessidade da participação da comunidade, na tomada de decisões sobre as aprendizagens dos filhos. No caso do ensino do Inglês, o professor pode ensinar em primeiro lugar o vocabulário dos objectos que são comuns na comunidade para, seguidamente, generalizar falando de outras realidades.

Se o objectivo central do ensino do Inglês nas escolas é desenvolver a competência comunicativa, pensamos ser este o momento de os professores despertarem para a necessidade de usarem estratégias e materiais que sejam próximos do contexto do aluno, da sua cultura, do que faz parte do seu dia-a-dia. Cientes da necessidade de colaboração entre professor e aluno durante a aula, questionamos os alunos sobre como se sentem ao tomarem parte nas aulas de Inglês. A maioria dos alunos (70 = 87,5%) notam a falta de cooperação e aproximação entre professores e alunos. Alguns professores tratam os alunos como tábuas rasas, recorrendo até a ameaças nos casos em que o aluno levanta questões. A sala de aulas é um espaço de colaboração entre o aluno e o professor. Cada sucesso ou aprendizagem que o aluno regista constitui um factor motivador para a implicação do professor.

O processo de ensino e aprendizagem neste caso precisa ser dinâmico e flexível. Acreditamos que as ideologias e pensamentos pedagógicos modernos estão muito longe de concordar com um ensino por encomenda em que o aluno é visto como se fosse uma tábua rasa. Durante o processo de aprendizagem ocorre o aprimoramento e inter-relação entre os estudantes, mas também entre os estudantes e o professor. Como professores, temos que reconhecer que o aluno é um ser pensante, que traz consigo alguma bagagem cognitiva que precisa, efectivamente, da facilitação para que se organize. A nossa insistência no uso dos vocábulos ingleses presentes no Citshwa como estratégia motivadora no ensino do Inglês é fruto do reconhecimento desta dinâmica na colaboração entre os actores do processo de ensino e aprendizagem, para potenciar a aprendizagem.

A abordagem comunicativa do ensino é a estratégia que inclui a aprendizagem colaborativa, tarefas colaborativas de acordo com os objectivos curriculares e conteúdos planificados. Assim, as aulas de Língua Inglesa precisam promover actividades que requeiram constante interacção entre os aprendizes e estes com outros interlocutores, de modo a permitir a troca de informações na resolução de problemas. Para Lucena (2004), no ensino de línguas, é preciso associar a avaliação a um ensino que se preocupa com a construção do conhecimento e a formação do sujeito social e que esteja associada a uma pedagogia virada para a construção duma sociedade sem classes, isto é, uma educação holística, uma educação que crie condições para o desenvolvimento do ser no seu todo.

Participamos nas aulas de canto, culinária e teatro em Inglês e notamos que: (i) os alunos querem expressar-se, mas não conhecem os nomes dos objectos locais; (ii) os professores priorizam a gastronomia ocidental e, conseqüentemente, o uso de vocabulário ocidental; (iii) as músicas cantadas são de cantores ocidentais em detrimento dos músicos africanos. Desta maneira, constatamos a tendência dos professores em transcrever as sugestões que constam nos programas de ensino sem, contudo, as contextualizar. Notamos a falta de vocação por parte de alguns professores no trabalho com aula de línguas.

A orientação vocacional ou profissional é um assunto que, actualmente, vem ganhando muito interesse principalmente pela necessidade de colocar as pessoas certas nos lugares certos. Muitos centros munidos de especialistas psicólogos e ou profissionais na orientação têm ajudado jovens a descobrir a sua vocação e a conseqüente escolha da sua profissão. A este propósito, Silva (2013) refere que tem estado em destaque a mensagem segundo a qual o professor não é valorizado – professores com salários baixos,

formação frágil, inexistente respeito por parte dos alunos, entre outros. Nem com isso, pensamos que um verdadeiro professor precisa em primeiro lugar de auto-estima e amor à sua profissão e isso passa pela vocação.

Nas aulas assistidas, notamos alguma falta de segurança nos professores, atitude fruto da não preparação das aulas ou falta de clareza das matérias a serem leccionadas. Se reconhecemos que há diferença como ensinamos e como os alunos aprendem, então, precisamos abrir espaço para colhermos as experiências dos nossos alunos sobre quando e como podemos usar os vocábulos ingleses presentes no Citshwa. Esta liberdade pode ser mais benéfica se conseguirmos um ensino que decorra em escolas sem muros, onde as ideologias políticas exerçam pouca influência e o contexto seja tido em conta. Na nossa opinião, há que se dar mais autonomia aos professores e alunos pois são estes que estão em constante contacto na escola.

Reconhecemos que não existe nenhuma forma rígida e completa que possa ser considerada perfeita para o ensino da L2. Por exemplo buscando as ideias de Cappingala (2012), podemos referir a existência de métodos tradicionais que consideram o professor o possuidor do conhecimento e o aluno na posição de receptor passivo; é o caso do método expositivo. Se o aluno é receptor, então ele não tem liberdade na construção do conhecimento. Do outro lado, existem também os métodos modernos que permitem a participação activa do aluno, tais como o investigativo, trabalhos em grupos, *role play* entre outros. Há que referir que tanto nos métodos tradicionais assim como nos modernos o factor humano é determinante.

Na óptica de Pinto (2010), da mesma maneira que os professores ensinam diferentemente, os alunos também têm aprendizagens diferenciadas. No processo de ensino, a aprendizagem da L2 varia de criança para criança, dependendo fortemente da sua ansiedade, motivação, vontade de aprender, atitude, dos materiais didácticos utilizados pelo professor, bem como das metodologias ou estratégias usadas. É, pois, nesse sentido, que Marx & Engels (2001) insistem que o contacto com o meio e, por conseguinte, com os alunos é determinante para a escolha das metodologias ou estratégias a serem usadas. A escola precisa ser concebida como uma instituição social de extrema relevância na sociedade, pois além de possuir o papel de fornecer preparação intelectual e moral dos alunos, nela ocorre, também, a inserção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Inglês no contexto rural pode ser visto como complexo visto que o meio em si possui poucos recursos para este processo. Pensamos, todavia, que um ensino colaborativo entre professor e alunos viabiliza a aprendizagem; os alunos podem construir as suas próprias aprendizagens. Outro aspecto que torna o ensino de línguas complexo pode ser em parte a incerteza da aplicabilidade dos métodos escolhidos, mas também o facto de a L2 trazer consigo alguns elementos culturais e que em certos casos seja diferente da cultura da L1. Se o objectivo central do ensino do Inglês é desenvolver a competência comunicativa, pensamos que não existe uma receita metodológica de como ensinar esta língua. Assim pensamos que:

- (i) a criatividade dos professores no uso de estratégias diversificadas e a contextualização são elementos essenciais para uma aprendizagem saudável do Inglês;
- (ii) a orientação vocacional é importante para um professor dinâmico;
- (iii) aos professores cabe envolver mais os alunos no desenho das aprendizagens, visto que quem tem interesse de aprender é o aluno;
- (iv) importa que o aluno participe na opção das estratégias a utilizar.

Quanto ao programa de Inglês assim como ao plano analítico, achamos que não existe nenhum impedimento para a introdução da estratégia que temos vindo a propor. Assim sendo, para haver mudanças é preciso que elas aconteçam nos planos a médio e a curto prazo. É no plano da aula onde propomos trazer inovações, sem, contudo, pensarmos que a sua implementação possa ser rígida, ou seja, a mesma para todas as turmas. Como sabemos, cada turma é uma realidade diferente da outra e, portanto, as mudanças são em função de cada situação com que nos confrontamos.

Evidenciamos a ideia apresentada de que a abordagem comunicativa no ensino do Inglês implica a colaboração entre todos os intervenientes. Pensamos que o ensino de Inglês nas escolas das zonas rurais precisa ser acompanhado por actividades que requeiram constante interacção entre os aprendizes e entre estes e os interlocutores, de modo a permitir a troca de informações na resolução de problemas. O uso de estratégias inovadoras, motivadoras e dentro do contexto, pensamos ser uma via também importante para o desenvolvimento da competência comunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brighenti, J., Biavatti, V. T. & Souza, T. R. (2015). Metodologias de Ensino-Aprendizagem: Uma abordagem só a Percepção dos Alunos. *Revista GUAL*, 8, 281-304.

Capingala, J. C. (2012). Métodos e Técnicas de Ensino. Disponível em:
[https://www.google.com/search?client=opera&q=Capingala%2C+J.+C.+\(2012\).+M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Ensino&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8#](https://www.google.com/search?client=opera&q=Capingala%2C+J.+C.+(2012).+M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Ensino&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8#)

Farias, E. M. P. (2011). Empréstimos Linguísticos: O Debate Continua. *Rev de Letras*, 30(1/4), 159-163.

Ferreira, I. M. (2014). *A Planificação como Prática de uma Professora em Processo de Formação*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto.

INDE/MINED. (2010). Inglês, Programa da 11ª Classe. Maputo:INDE/MINED
Disponível em: <https://mozlivinglibrary.files.wordpress.com/2014/02/grade-11-program.pdf>

Lucena, M. I. P. (2004). Avaliação no Ensino de Línguas e contemporaneidade: Em busca de uma Re-Significação. *VII CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA - 2004 ALAB* - Associação de Linguística Aplicada do Brasil UFSC/CA – UFRGS.
Disponível em:

https://www.google.com/search?client=opera&hs=Mr9&ei=N809XZGXNqOL1fAPmJ60oAs&q=Avalia%C3%A7%C3%A3o+no+Ensino+de+Linguas+e+contemporaneidade%3A+Em+busca+de+uma+ReSignifica%C3%A7%C3%A3o.&oq=Avalia%C3%A7%C3%A3o+no+Ensino+de+Linguas+e+contemporaneidade%3A+Em+busca+de+uma+Re-Significa%C3%A7%C3%A3o.&gs_l=psy-ab.3...110794.121624..122876...0.0..1.5040.15530.9-4.....0....1j2..gws-wiz.....0..0i71.9aj2wUMxTo0&ved=0ahUKEwjRjoilhNjjAhWjRRUIHRgPDbQQ4dUDCAo&uact=5#

Marx, K., & Engels, F. (2001). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins.

Pacheco, J. A. (2011). Currículo e gestão escolar no contexto das políticas educacionais. *RBPAE*, 27(3), 377-390.

Paiva, V. M. A. S. (2016). Avaliação da Língua Inglesa na sala de aula – Uma construção coletiva. Lagoa Nova: Edufrn. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21451/1/Avaliação%20de%20Língua%20Inglês%20na%20sala%20de%20aula%20%28livro%20digital%29.pdf>

Pinto, J. A. L. (2010). Estratégias didáticas no ensino/aprendizagem de uma L2. In *Contributos para a Formação contínua de Professores de Português L2 em Cabo Verde: Dificuldades perante uma estratégia inovadora*. (Tese de Doutoramento). USC, Santiago de Compostela.

Santos, M. O. G. (2011). **Noções Introdutórias Sobre o Processo** de Planeamento. Disponível em:

https://www.google.com/search?client=opera&ei=o9U9Xa6wF72e1fAP4oK_yA4&q=Santos%2C+M.+O.+G.+%282011%29.+No%C3%A7%C3%B5es+Introdu%C3%B3rias+Sobre+o+Processo+de+Planeamento&oq=Santos%2C+M.+O.+G.+%282011%29.+No%C3%A7%C3%B5es+Introdu%C3%B3rias+Sobre+o+Processo+de+Planeamento&gs_l=psy-ab.3...8663.20675..21897...0.0..0.0.0.....4....1j2..gws-wiz.....0.RusCMx3BQ88&ved=0ahUKEwjfG0jNjjAhU9TxUIHWLBD-kQ4dUDCAo&uact=5#

Silva, M. C. V. (2013). A aquisição de uma Língua Segunda: muitas questões e algumas respostas. Évora Disponível em:

https://www.google.com/search?client=opera&ei=2849Xa2uD6HrxgP4hI2IDQ&q=Santos%2C+M.+O.+G.+%282011%29.+No%C3%A7%C3%B5es+Introdu%C3%B3rias+Sobre+o+Processo+de+Planeamento&oq=Santos%2C+M.+O.+G.+%282011%29.+No%C3%A7%C3%B5es+Introdu%C3%B3rias+Sobre+o+Processo+de+Planeamento&gs_l=psy-ab.3...20919.36759..37965...0.0..1.5222.20790.9-4.....0....1j2..gws-wiz.....0..0i71.HiXIBM8NUuU&ved=0ahUKEwjth4TthdjjAhWhtXEKHXhCA9EQ4dUDCAo&uact=5#